

CENÁRIOS DA MODERNIDADE E DO TURISMO NO MUNDO DO SERTÃO*

Clarinda A. SILVA**

RESUMO:

Sertão, espaço vazio, longínquo, selvagem, para os “de fora”. Vivenciado pelos “de dentro” em inúmeras faces e significados, torna-se o lugar em que o sertanejo constrói um modo de vida peculiar, o qual, com a chegada da chamada modernidade, passa a coexistir com novas formas e padrões culturais. Nessa perspectiva, este artigo enfoca a Vila de São Jorge, no município de Alto Paraíso de Goiás, que durante décadas esteve praticamente isolada – um sertão. Hoje, inserida no processo modernizador, essa vila, devido aos potenciais naturais da região, recebe turistas e migrantes com novas alternativas de vida e de se relacionar com o meio natural, passam a fazer parte do imaginário e do cenário local.

O Ser...tão: primeiras paisagens, primeiros personagens

Nessas remotas solidões que habitas,
Entre essas broncas, virginais florestas,
Onde se ouve o rugir das cataratas,
Que em catadupas furiosas roncam,

* Trabalho final da disciplina Ambiente e Ocupação da Região do Cerrado e parte da dissertação de mestrado do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.

** Mestre pelo IESA-UFG e Professora da Sec. Municipal de Educação de Goiânia.

Ou da tormenta o sopro impetuoso,
Que a grenha açouta aos seculares troncos,
Ou do selvagem caçador a grita,
Que as matilhas açula atrás da onça,
Do mateiro veloz, da anta membruda,
Nesses ermos saudosos [...]
Vivo portanto aqui imóvel, quedo,
Como droga, embrulhado em papelada.
Vai pois a pobre musa, e vai sozinha
Por essas feias matas, sem ter medo
De onças, sucuris ou jararacas,
No teu fundo retiro procurar-te.

Bernardo Guimarães

As palavras de Guimarães mostram claramente a percepção que viajantes e cronistas têm do sertão como um espaço vazio e longínquo que os arrastavam pelos caminhos da imaginação, resultando em sedutoras descrições do quadro natural¹. Um mundo selvagem, carregado de mistérios e, muitas vezes, marcado pela dubiedade entre o paradisíaco e o infernal, mas sempre reafirmando o primitivismo da paisagem. Esse sertão existe? Ou apenas existe no imaginário das pessoas? O que é o Sertão?

De acordo com Almeida (1998, p. 37), baseada em Machado, o termo sertão encontra as primeiras referências nos viajantes portugueses que relacionaram as grandes distâncias, o isolamento físico, psíquico e cultural dos ambientes dos chapadões, cerrados e caatingas com os desertos africa-

¹ Quadro natural, mundo natural; natureza, conceitos bastante amplos e complexos para serem tratados neste trabalho em toda sua extensão. Tomamos aqui o conceito de natureza, de acordo com Gonçalves (1989, p.23) para quem Natureza “[...] constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim sua cultura”.

nos. “O termo sertão seria, portanto, uma corruptela de grande deserto, deserto...sertão”.

Para os colonizadores portugueses, o sertão significava terras a desbravar, um imenso vazio a ser preenchido com seus interesses e valores. A ocupação do sertão foi antes de tudo a aventura da conquista, contrapondo-se à civilização européia.

Ele significava o incerto, o atrasado, o desconhecido, o longínquo, o selvagem, um lugar povoado por homens rudes e pobres onde as condições naturais e geográficas compactuavam com a violência caudilhesca e reinavam os chefes locais nos vazios do poder central. Tal situação se perpetua até os dias de hoje em certas localidades situadas nos confins. (Almeida, 1998, p.37)

Amado (1995), no artigo *Construindo mitos: a conquista do oeste no Brasil e nos EUA*, expressa que:

A imagem mais persistente do sertão é a de uma área remota, isolada, árida e fracassada, sem lei ou ordem, uma terra de ninguém, um fim de mundo. O sertanejo é concebido como pobre, ignorante e submisso ao poderoso coronel, mal capaz de sobreviver do próprio trabalho. Essa imagem foi construída diretamente da experiência histórica, pois grande parte do sertão – toda sua parte nordestina – está localizada nas áreas semi-áridas, onde a maioria da população vive em estado de pobreza absoluta [...] Visto como dotado de uma natureza hostil, o sertão também é representado como um lugar para as pessoas fortes, aquelas que são suficientemente duras para enfrentá-lo e domá-lo (p. 64).

Segundo Almeida (1998), o primeiro passo sobre essa natureza hostil foi a ocupação pelo pastoreio. Com desenvolvimento dessa atividade o

[...] sertão ruralizado pela criação de gado começa a ser povoado. Vencer o vazio da cultura, superar a resistência natural passa a ser a grande responsabilidade dos grupos rurais. O regime pastoril produziu relações sociais e econômicas próprias. Elas existem, ainda, com algumas modificações, em tempos atuais caracterizando a apropriação do território (p. 39).

Complementando a discussão sobre sertão como mundo natural conquistado, vale recorrermos às considerações de Brandão (1995), em trabalho realizado sobre os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional no sertão de Catuçaba-SP. Nas palavras desse autor

Sertão alguns dizem “sertania”, os lugares onde se reúnem os sertões do sertão, do mesmo modo como “serraria” é o lugar de muitas Serras. Matas densas de grandes árvores, o sertão não é qualquer floresta grande, como as que sobem, aqui e ali, pelas grotas e morros de onde até agora não compensou derrubá-las para “abrir” lavouras ou pastos. O sertão é o lugar onde, por oposição aos campos com matas, existe apenas matas sem campos, algumas impenetráveis [...] Lugar de floresta, madeiras e bichos, o sertão não é percebido como um local de pessoas, ainda que todos saibam que de alguns anos para cá ele foi ocupado por raros moradores a quem se dá o nome de sertanejos [...] Ou o sertão existe como lugar de absoluta natureza, por onde se passa-como quando se caça – sem se morar, ou o sertão se habita pelas beiras: “sertãozinho”, lugar de moradia e trabalho rural, onde a cultura mal arranha o poder da natureza e a vida existe de pequenas transformações de uma na outra. Ou então o sertão se transforma: é conquistado e dá lugar ao mundo onde se mora e trabalha como camponês (p.156).

Brandão destaca ainda que, nas lembranças do camponês, o sertão durante muitos anos foi o único lugar em que homens pobres e livres adqui-

riam terras, pois ainda não era domínio do senhor de terras. O sertão podia então ser conquistado, transformando-se em campos, lavouras, sítios, fazendas e até mesmo vilas e cidades.

Assim, o sertão é vivenciado por seus habitantes em inúmeras faces e significados, confrontando rios, cerrados, chapadas e chapadões com a rusticidade do homem, transformando-o e sendo transformado por ele num tempo que exige sobrevivência. Expressam-se aí o modo de ser dos sertanejos, construindo e reconstruindo traços definidores na sua relação com o mundo natural e imaginário, revelando uma forma própria de perceber, experimentar² e criar suas raízes, seus lugares.

As considerações aqui apresentadas permitem-nos entender que, amplo e desconhecido, ao mesmo tempo conquistado, demarcado, personalizado e valorizado, resguardando as experiências da vida cotidiana do sertanejo, o sertão é [...] “sempre um espaço rico e complexo que é ordenado com referência às intenções e experiências humanas [...]” (Relph, 1979, p. 12).

Sertão e sertanejo

O estabelecimento de relações entre o sertanejo e o sertão é um contínuo processo de descobrir e redescobrir o significado de suas imagens, suas paisagens entrelaçadas aos sentimentos. Constitui-se aí, “[...]uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida” (Carlos, 1996, p. 29).

O sertão de nossas lembranças interiorizadas e exteriorizadas é o lugar de gente simples, do caipira, da casa de adobe e chão batido, do rego d’água, do homem rústico em seu trabalho no campo. É recordar o viver da

² Experienciar remete-se às diferentes maneiras através das quais o ser humano conhece e constrói a realidade (TUAN, 1983).

terra e o orgulho do sertanejo de conquistá-la e de muito mais aceitar do que desbravar a natureza hostil e enigmática. Falar do sertão é falar de um lugar conquistado com uma mistura de grandiosidade, bravura, persistência e coragem.

O sertanejo, camponês, caipira, homem do mato, rústico, tradicional – ou qualquer outra denominação que habita o nosso imaginário – avança mato a dentro fixando nas terras dos sertões, tirando delas o próprio sustento. Ele se caracteriza [...] “por ser naturalmente do lugar onde vive: o campo, a roça, o sertão, a mata, o lugar oposto à cidade” (Brandão, 1983, p.12).

Vivendo do plantio e cultivo das roças de milho e feijão, da criação de animais, do fabrico da rapadura, do queijo, da caça e mantendo as formas de lazer específicas da sua cultura, dentre outros elementos, o sertanejo construiu um modo de vida peculiar com traços enigmáticos, reais, místicos e imaginários. Uma vida alicerçada, basicamente, na produção familiar e de subsistência, nas relações de compadrio e nas diversas manifestações culturais como a dança, as modas de viola, a culinária, os causos, a vida religiosa e suas crendices, muitas vezes, povoadas de magia. Enfim, em sua forma própria, simples, mística e cheia de sabedoria de compreender a natureza e dela viver.

Para Candido (1982), havia uma estreita relação entre as atividades econômico-sociais do caipira e os elementos naturais, delimitando um complexo de atividades solidárias em que cultura e natureza apareciam como dois pólos formando uma só realidade.

Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água, e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro dos agrupamentos vicinais, o homem aparece ele próprio como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural (p.175).

Almeida (1998) complementa essas considerações, ressaltando que

Para o sertanejo, a natureza é vista por uma dupla face: por um lado no seu aspecto tangível, tátil, ela é um recurso a ser utilizado, por outro, na sua parte constitutiva, que ultrapassa o entendimento humano, ela se revela no seu valor metafórico. Por conseguinte, as suas manifestações só podem ser sinais do bom funcionamento ou do desregramento do cosmos. E quando o cosmo se desregula, a sociedade não funciona, como deveria, em harmonia com ele (p. 42).

Dessa forma, o sertanejo desenvolveu modos específicos para lidar com a natureza e a reprodução da vida, caracterizando a sua cultura.

Entrando no mundo moderno

O sertanejo mantinha poucos contatos com a vida urbana, somente para atender necessidades básicas (compra de sal, querosene) ou religiosas. Entretanto, com o processo de industrialização e a conseqüente expansão do comércio, o homem do campo se depara com os chamados “recursos da cidade” ou “progresso”, criando novas necessidades, inserindo-se estreitamente em uma economia de mercado. Diante disso, determinados aspectos da cultura caipira foram se ajustando a uma nova sociedade. Esse processo repercute na vida tradicional, como um todo, e na incorporação desta ao “mundo moderno”.

Candido, em *Os Parceiros do Rio Bonito* (1982), procura caracterizar os costumes, as tradições que permaneceram e que se ajustaram ao ritmo da urbanização e da modernidade. Esse autor resalta que o caipira aos poucos vai assimilando ou acomodando-se aos padrões propostos pela civilização urbana, mas revela certas dúvidas em relação ao completo desaparecimento da cultura caipira. Para ele,

a cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso; a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social que a alteração destes provoca derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade, uma sobrevivência das formas, sob transformações de superfície que não atinge o cerne senão quando a árvore já foi derrubada e o caipira deixou de o ser (Candido, 1982, p. 82-83).

O autor acrescenta, ainda, que o processo modernizador propõe ou impõe ao homem rústico traços de cultura material e não-material, como novo ritmo de trabalho, novas relações ecológicas, abandono das crenças tradicionais, dentre outros. O caipira pode aceitar totalmente esses traços ou aceitar apenas aqueles impostos, bem como rejeitá-los. A aceitação de ambos os aspectos pode revelar o desaparecimento de sua cultura individual, familiar e tradicional. Por outro lado, a rejeição total dos novos modos de vida leva-o a um certo isolamento da sociedade como um todo, podendo comprometer a sua sobrevivência e reprodução cultural. Aceitar apenas os traços impostos, qualifica-os como, [...] “grupos que aceitam, da cultura urbana, os padrões impostos, aquilo que não poderiam recusar sem comprometer sua sobrevivência, mas rejeitam os propostos, os que não se apresentam com força incoercível, deixando margem mais larga à opção.” (p. 218)

Em relação a essas transformações no seio da cultura tradicional, não há uma substituição mecânica dos padrões e valores culturais das populações tradicionais, mas uma incorporação progressiva ou mesmo ajustamento dos velhos padrões ao novo contexto social. O moderno e o tradicional ocupam os mesmos espaços em intensidade que diferem profundamente de um lugar para outro.

Primeiros cenários da história de um lugar no sertão

As discussões aqui levantadas proporcionam-nos a reflexão sobre a possível existência de traços de uma cultura sertaneja que pode ainda estar presente entre os habitantes de uma região que, durante anos, permaneceu sob certo isolamento – o sertão – e hoje absorve características da chamada civilização “moderna”. Referimo-nos à Vila de São Jorge, município de Alto Paraíso de Goiás, na microrregião da Chapada dos Veadeiros.

A história da vila inicia-se, grosso modo, com a mesma lógica dos acontecimentos na região e no estado de Goiás. Certamente, os primeiros olhares sobre essa área não foram os dos europeus, mas a partir da visão eivada de fantasia dos primeiros viajantes europeus no Brasil e nessa região, inúmeros outros olhares foram atraídos para a paisagem local.

Como em todo o Centro-Oeste, a entrada estrangeira na região da Chapada ocorre com as incursões exploratórias, as quais ao [...] “remontarem as grandes bacias hidrográficas continentais – a bacia do Prata e a bacia do São Francisco respectivamente – atingiram o interior da ecorregião dos cerrados” (Albuquerque, 1998, p. 224).

Afirmativa semelhante é encontrada em Barreira (2001)

No período que antecedeu à mineração em Goiás, aconteceram as primeiras explorações no séc. 17 e início do séc. 18, pelos missionários e nortistas, através das vias fluviais do Araguaia/Tocantins e pelos bandeirantes paulistas, que se concentraram na parte sul do Estado. Estas penetrações traziam como função a preação de índios e, principalmente, a procura de metais e pedras preciosas (p. 1).

Entretanto, conforme a autora, o elemento responsável pelo povoamento do interior do Brasil é a descoberta de minerais preciosos. [...] “só a partir de 1725 que a ocupação começa a se processar de forma sistemática e organizada, quando se inicia a exploração do ouro. Em termos espaciais,

isso significa a fundação de arraiais e abertura de caminhos” (Barreira, 2001, p. 1).

De acordo com Albuquerque (1998), esse povoamento tem início com a ocupação do então território paulista e a fundação da cidade de São Paulo-Piratininga, onde condições socioambientais, como isolamento, a disponibilidade e a posse de terras, entre outros, deram origem à cultura caipira que, com o processo minerador estendeu:

Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das capitânicas de Minas Gerais, Goiás e mesmo Mato Grosso, culturas ligadas a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros (Candido apud Albuquerque, 1998, p. 226).

Na região da Chapada dos Veadeiros, segundo a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de Goiás-SEPLAN (1996), os primeiros núcleos urbanos surgiram ligados de uma forma ou de outra à mineração. Dentre eles, Veadeiros (atual Alto Paraíso de Goiás), em 1750, e Cavalcante, em 1740. A partir de 1778, com o fim da produtividade e rentabilidade nas minas, esvaziavam-se os arraiais e deteriorava-se a estrutura econômica e social, desencadeando uma tendência à formação de zonas de economia fechada e de consumo de subsistência, gerando o processo de ruralização e empobrecimento cultural na região (Barreira, 2001).

No final do séc. XVIII, a pecuária se expande como atividade econômica, embora já tivesse importância relevante desde o início do século. Gradativamente, aumenta a produção agrícola na região. Nesse período, em área, hoje, pertencente aos municípios de Cavalcante e Alto Paraíso de Goiás, o plantio de trigo obteve sucesso em escala considerável, havendo inclusive exportação para fora do Brasil. O cultivo desse cereal prosseguiu até meados do séc. XX, mas já em franco declínio.

A partir daí, essa região permaneceu por décadas como “um grande

sertão”, isolada das regiões mais dinâmicas do país. Albuquerque (1998) mostra isso claramente no texto abaixo:

As comunidades da Chapada dos Veadeiros, bem como de todo o norte do estado, afastadas do eixo viário que se dirigia a São Paulo, ficaram submetidas a um total isolamento, reforçando o processo de formação e de desenvolvimento das pequenas comunidades sertanejas do território brasileiro (p. 234).

Entre as comunidades que permaneceram afastadas do chamado processo dinamizador, destaca-se a Vila de São Jorge, hoje, portal do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Essa vila teve sua origem com a mineração de cristal de rocha, que se iniciou no ano de 1912³ e ensejou a migração de levadas de garimpeiros, principalmente, dos sertões mineiros e baianos para a região.

Os primeiros registros da Vila de São Jorge datam de 1912, passando, pelo ciclo iniciado com a busca e a descoberta do minério, depois o auge da produção, seguido do declínio. Durante os anos quarenta foram exportados cristais para fabricação de sonares, componentes transmissores de rádios, telegrafia e telefonia, perdendo este sua importância e posição com o fim da II Guerra, mas principalmente com a invenção do cristal sintético. Novamente teve alta de procura e curta duração durante a Guerra da Coreia (1950/52), envolvendo cerca de 3.000 garimpeiros. Mas foi somente com o incentivo às exportações, nos anos sessenta que se deu o apogeu, com existência de rudimentares pistas de pouso e inúmeros acampamentos para, logo

³ Não encontramos registros exatos sobre a data em que teve início a Vila de São Jorge. Em alguns trabalhos constam 1916, outros 1956, ainda outros referem-se apenas às primeiras décadas do século XX. Antigos moradores relatam terem chegado à vila na década de 1940.

em seguida e sem intervalo, vir o declínio da atividade na região (Silveira, 1991 apud Paes, 1995, p. 25).

Vivendo basicamente da extração do cristal, os antigos moradores do povoado ou Vila de São Jorge conheceram períodos de maior e menor dificuldade, dependendo da demanda do produto no mercado externo. A população da vila, praticamente isolada e mantendo aspectos típicos da cultura tradicional sertaneja para sobreviver às crises, buscava na agricultura e na criação de animais formas de garantir a subsistência.

A retirada de palhas, lenha, frutas comestíveis, a queimada da macega para limpeza da área, faziam parte das técnicas e conhecimentos que constituíam seu universo cultural. As moradias eram de adobe ou o rancho de palha construídos em arruamentos de traçado irregular no espaço físico. Os meios de transportes constituíam-se em lombo de burros e jumentos, únicos que chegavam ao local, devido à quase inexistência de estradas.

Embora ainda presente na vida econômica da população local, no início da década de sessenta, [...] “o cristal fracassou, acabou, não valendo nada. Aí agora o povo foi espiticando, espiticando, espiticando⁴ ficou algum, trabalhava aqui na frente do São Miguel (rio), que trabalhava aí num pedacinho de roça e sempre no garimpo.” (Testemunho de Jorge Rodolfo Veneslau de Almeida, citado por Silveira, apud Barbosa Lima, 1998, p. 54). Os garimpeiros passaram a subsistir apenas das lascas do minério, mas com baixos preços. Muitas famílias migraram, principalmente para Brasília, recém-inaugurada, em busca de melhores condições de sobrevivência. Os que ficaram procuraram conciliar a extração mineral com o trabalho nas pequenas lavouras, que começavam a ser submetidas a uma nova dinâmica econômica.

A transferência da capital do país para Brasília, aliada à implantação de um estilo de desenvolvimento econômico implementado através de es-

⁴ A expressão *espiticando, espiticando* significa que a população foi aos poucos migrando da vila.

tratégias e políticas públicas de investimento em infra-estrutura e inovações tecnológicas, a então “modernização da agricultura”, representaram a catalização de uma série de transformações econômicas, sociais e espaciais na região. Contrapondo-se a essa política desenvolvimentista de avanço da fronteira agrícola, foi criado o Parque Nacional do Tocantins, com uma área de 625.000 hectares, que devido às pressões dos proprietários das terras locais, se reduz gradativamente a 60 mil hectares passando a se chamar Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A criação do parque foi um fato que marcou indelevelmente o destino funcional da Chapada dos Veadeiros. De um lado, reconheceu-se a excepcionalidade geográfica e natural da região. De outro, causou imediato desconforto econômico e social para a população local—por conta da natureza autocrática do ato principalmente porque furtava o suporte de sua atividade produtiva, a posse da terra e a exploração dos recursos naturais (Albuquerque, 1998, p. 244).

A instituição dessa Unidade de Conservação alterou os hábitos e comportamentos da população da Vila de São Jorge em relação à natureza. O acervo de técnicas e práticas básicas de sobrevivência dessa população foram limitados pelas exigências de proteção da unidade. O parque representou limites àquela porção da paisagem sobre a qual os moradores tinham direitos de acesso, controle e uso dos recursos naturais. Novas representações de espaço e um conjunto de conhecimentos e valores são impostos e/ou propostos aos moradores do povoado. Posteriormente, essas transformações são reforçadas por outros ritmos de vida, introduzidos pela prática do turismo.

Sertão, sertanejo, modernidade coexistem em um lugar turístico?

A população de São Jorge, praticamente isolada das regiões mais dinâmicas do país, manteve aspectos típicos da cultura tradicional sertaneja até a década de 1980, quando é descoberta por grupos sociais diversos vindos principalmente de Brasília e do Sul e Sudeste do Brasil. Atraídos pelos atributos naturais do lugar, considerados de grande beleza e com conotações místicas e/ou pelas atividades que o turismo pode gerar, esses novos moradores, juntamente com os visitantes, trazem outras relações econômicas, socioculturais e complexas formas de ver, perceber e atribuir valores à paisagem.

Dessa forma, uma série de modificações se incorpora à tradição cultural. Desenvolvem-se aí modos diferenciados e específicos de vida, caracterizando-se novas formas culturais com padrões e ritmos distintos, coexistindo ou não com os tradicionais. Novas alternativas de existência e de se relacionar com o meio natural – já iniciadas com a política de preservação dos recursos naturais do Parque Nacional – expandem e passam a fazer parte do imaginário e do cenário local.

Antes os recursos da natureza norteavam a visão de mundo e o universo cultural dessas populações; agora, os padrões culturais e de conduta, as relações de produção no manejo da natureza passam a ser mediadas por uma nova ordem econômica. Hábitos vindos desde a época do garimpo, como a retirada de palha dos buritis e de lenha, a utilização de plantas medicinais, a pesca, a caça, a garimpagem, dentre outras práticas culturais que faziam parte do universo desses moradores, são redefinidas por outras formas de sobrevivência, agora relacionadas a uma série de modificações impostas ou propostas pela chamada “modernidade”.

Com o desenvolvimento do turismo, a área do parque, território de garimpeiros, torna-se palco e suporte da atividade ecoturística. Antigos garimpeiros transformam-se em guia de visitantes ou procuram engajar-se nos meios de trabalho implementados pelo novo modelo econômico. Aliado

à prática do turismo, o processo migratório e de urbanização, com incremento do comércio e valorização imobiliária, redefine as atividades socioeconômicas e culturais na vila.

Mudanças significativas podem ser observadas na “vila do turismo”. As antigas casas de adobe cobertas de palha foram substituídas pelas de alvenaria, sendo que modernas construções dão espaço às pousadas e residências secundárias, principalmente de moradores de Brasília. O aspecto visível da paisagem da vila mostra um número considerável de pousadas, a maioria propriedade de pessoas de fora da região, restaurantes, lojas e áreas de *camping*. Essa paisagem evidencia o turismo como principal motor de desenvolvimento daquela localidade.

A percepção positiva das mudanças – que se dá principalmente através do crescimento do comércio e da infra-estrutura instalada – ocorre em detrimento da visão de mundo e da antiga relação que os moradores mantinham com seu ambiente (Luchiari, 1997). A atual realidade existencial possibilitou, por um lado, a conservação das áreas naturais, mas, por outro lado, as relações sociais e culturais passaram a serem determinadas pela racionalidade capitalista que transformou não só a relação homem-meio natural, mas deste entre si e com seu lugar.

As festas religiosas, conversas noturnas em torno das fogueiras, as visitas aos vizinhos, as formas de divertimento, dentre outras particularidades da cultura nativa, foram substituídas por novos padrões culturais com ritmos distintos dos tradicionais. Os moradores nativos⁵ colocam que antes da entrada do turismo na vila, as atividades culturais tinham mais vida que as realizadas nos dias de hoje. As festas animadas por pandeiro e sanfona duravam toda a noite e prolongava no dia seguinte com o chamado *matinê*.

⁵ Os moradores da Vila de São Jorge que chegaram à região em função das atividades de extração do cristal e fundaram a Vila e, aqueles que ‘nascidos e criados’ ali consideram-se e identificam-se como moradores nativos, distinguindo-se dos grupos que, principalmente, em função da atividade turística migraram para a lá num período mais recente. Assim, fazemos uso da terminologia nativo no sentido de distinguir a população tradicional dos novos grupos migrantes.

No entanto, São Jorge cresceu e as antigas atividades culturais deram espaço a novos símbolos e valores, os quais passaram a reger a relação dos moradores com a paisagem.

Os moradores nativos atribuem essa perda dos valores culturais não só ao turismo e à chegada do migrante, mas também à chegada da energia elétrica e, com ela, a televisão. Assim, as tradições culturais, as brincadeiras de crianças, as particularidades da relação entre as pessoas entraram para um novo tempo – aquele ocupado não só em atender o visitante, mas também com a televisão que juntamente com a energia elétrica veio acompanhando o turista e tornando comum as transformações no modo de vida dos moradores da Vila de São Jorge.

Castro (1994) assinala que uma característica importante para distinguir uma população como tradicional é a falta de energia elétrica, pois a mesma traz rapidamente diversas mudanças nos hábitos da população. Nesse sentido, a análise dos novos signos que repercutem na cultura tradicional e na incorporação desta ao chamado “mundo moderno” pode ser levantada em São Jorge que, até o ano de 1995, não havia energia elétrica. Com a chegada da energia, os moradores da vila decidiram, em reunião da associação comunitária, que não queriam iluminação pública, pois consideravam a ausência desta uma forma de manter a identidade da vila (Paes, 1995). Entretanto, juntamente com a energia elétrica veio a iluminação pública e os chamados “benefícios da modernidade”: a televisão, o microondas e toda uma gama de equipamentos de uma cultura fabricada no seio da sociedade moderna. Dessa forma, essa gente de São Jorge vai aos poucos incorporando à vida cotidiana traços da vida urbana, num processo de transformação e migração dos elementos simbólicos da paisagem.

O garimpo foi, e ainda é, bastante forte e presente na percepção dos antigos garimpeiros. Os cristais de rocha representavam para eles, no começo do século, não apenas uma forma econômica de sobrevivência, mas o sonho do enriquecimento. Hoje, esses mesmos cristais ainda têm valor econômico, mas agora vinculado ao pensamento ecológico, religioso e místico trazido pelos “de fora”. Barbosa de Lima, ao comentar sobre a representa-

ção que os cristais de rocha têm para os diferentes grupos que escolheram a região da Chapada dos Veadeiros para viver, mostra como a sociedade renovou sua escala de valores, criando novos elementos simbólicos

Convivem hoje, na Chapada dos Veadeiros, os garimpeiros e os grupos místicos religiosos. O fim da Segunda Guerra e o cultivo artificial desse mineral não encerrou por completo a sua exploração. Na Chapada, ainda é muito comum a figura do garimpeiro e das bancas de cristais. Essa atividade econômica é agora sustentada pelo *boom* do ecoturismo e pela propaganda místico-esotérica. Os próprios garimpeiros traduzem, à sua maneira, ao ecoturista que ‘deixando um cristal te escolher, as suas propriedades mágicas lhe ajudam a entrar em sintonia com você mesmo e com a natureza (Barbosa de Lima, 1998, p. 56).

Nessa perspectiva, as transformações na paisagem vivida da Vila de São Jorge não significa apenas a substituição de uma paisagem pela outra ou construção de novas paisagens a partir de formas e proporções no espaço físico, mas simbolizou modos diferenciados de perceber e apropriar do ambiente. São diferentes mecanismos de sobrevivência e um processo de substituição gradativa de uma organização tradicional por uma mais complexa (Luchiari, 1997). Isso nos possibilita entender que o estabelecimento de relações entre o homem e o espaço vivido torna-se um contínuo processo de descobrir e redescobrir o significado e os valores de suas paisagens. Constitui-se aí uma rede de significados e sentidos que são tecidos pelas transformações históricas, sociais e culturais.

Diante desse contexto, a vila é o sertão de ontem, o lugar em que move a vida e o imaginário dos “de dentro”, principalmente os adultos e velhos que a construíram com o seu cotidiano, seus códigos, símbolos e sentimentos. Lugar da experiência intersubjetiva, das imagens, dos valores permanentes e da identificação do nativo com o espaço vivido. O acesso ao mundo moderno e a chegada dos “de fora”, os quais mesmo considerando a vila o melhor lugar para viver, dão-lhe uma significação social bem

diferente da tradicional, com costumes, experiências e sentimentos diferentemente representados, transformando-a na paisagem turística de hoje e no [...] “lugar dos valores transitórios, em termos de vida social e mudança cultural” (Lima, 1999, p. 162).

Conclusão

Em cada lugar, em cada momento particular de sua ocupação, os seres humanos desenvolvem formas específicas de se relacionar com o mundo natural e reproduzir a vida, construindo assim a sua história e a sua cultura. Dessa forma, a Vila de São Jorge guarda na profundidade de suas paisagens a [...] “cultura de quem olha e a apreende e a cultura daquele que a cria, ‘a inventa’. Aí reside o mistério da paisagem. O mistério do sertão” (Almeida, 1998, p. 44).

Por várias décadas os moradores de São Jorge se mantiveram praticamente isolados da vida urbana, numa região tida como sertão. Esses moradores, ligados à natureza, aos seus mistérios e às práticas de manejo desta constituíram seu próprio acervo cultural, criando assim uma identidade com o lugar. O conjunto das mudanças que aconteceu e acontece ainda hoje na região leva a população da vila a viver o confronto de dois saberes: o tradicional e o moderno, os quais, num processo de contínuas transformações, configuram a paisagem.

O sertão, ao mesmo tempo que permanece, deixa de existir. Permanece no imaginário dos “de dentro”, que inicialmente chegaram, se identificaram e construíram a vila de São Jorge. Mas deixa de existir ao passo que é povoado, ocupado, conquistado e modificado pelos “de fora”, que chegaram juntos com a chamada vida moderna e ali coexistem com a tradicional. Assim, o sertão, [...] “é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente” [...] (Almeida, 1998, p. 44).

ABSTRACT

SILVA, Clarinda A. Scenery of the modernity and tourism in the country world. *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.7, jan/dez 2003.

Sertão, empty area, faraway, wild to the others. It is experienced by those who live there in so many faces and meanings. It becomes the place where the countryman builds a particular way of life, and must live with new manners and cultural patterns, with the arrival of the modernity. In this perspective, this article focuses on Vila de São Jorge in Alto Paraíso de Goiás, that had been for decades almost completely isolated, a desert. Today, it is included in the modernizing process, this town, because of the great natural potentials of the region, receives tourists and immigrant with new alternative of life and new ways of connecting with the Nature, moreover people become part of the imaginary and local scenery.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Augusto Martinez. A construção do espaço na chapada dos veadeiros. In: DUARTE, Maria Laura Goulart; BRAGA, Maria Lúcia (Orgs.). *Tristes Cerrados: Sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 223-257

ALMEIDA, Maria Geralda de. *Em busca do poético do sertão*. Revista Espaço e Cultura. UERJ, Rio de Janeiro, n. 6, p. 35-45, jul/dez.1998.

AMADO, Janaína. Construindo mitos: a conquista do oeste no Brasil e nos EUA. In: PIMENTEL, Sidney (Org). *Passando dos limites*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. p. 51-78

BARBOSA DE LIMA, Ricardo. Natureza: uma categoria social. In: DUARTE, Maria Laura Goulart; BRAGA, Maria Lúcia (Orgs.). *Tristes Cerrados*. Sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 25-62.

BARREIRA, Celene Cunha M. Antunes. *A ocupação do território goiano*. Goiânia, 2001. Texto de apoio a disciplina “Ambiente e ocupação da região de cerrado”, do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação– Mestrado/ IESA/UFG.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional. In: BRANDÃO, Carlos R. e MESQUITA, Zilá. (Orgs.). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre: UFRGS/UNISC, 1995. p. 155-176.

_____. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, (Tudo é História), v. 75, 1983.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 6 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982. 284 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/ do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. 150 p.

CASTRO, Rodrigo Soares de. *Perfil ecológico humano de um agroecossistema tradicional do cerrado - região Chapada dos Veadeiros (GO)*.1994. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília- DF

GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento Regional. (SEPLAN). *Cenário sócio econômico do Estado de Goiás: região nordeste goiano*. Goiânia: SCP, 1996. 255 p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989. 148 p.

LIMA, Solange Terezinha de. Percepção ambiental e literatura: espaço e lugar no grande sertão: Veredas. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Orgs). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.153-172.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 136-154.

PAES, Maria Luiza Nogueira. *Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros-Go*. Plano de ação emergencial. Brasília: IBAMA/diretoria de ecossistemas, 1995. 113 p.

RELPH, Eduard C. *As bases fenomenológicas da geografia*. Geografia, v. 4, nº 7, 1979.